



**Escritos epistolares, utopia e arquivos**  
**Pedro Nava e Drummond em *Descendo a Rua da Bahia***

***Epistolary Writings, Utopia and Archives***  
***Pedro Nava and Drummond in Descendo a Rua da Bahia***

Eliane Vasconcellos

Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro /Brasil

vasconcellosev@gmail.com

Matildes Demetrio dos Santos

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro /Brasil

mdemetri@terra.com.br

**Resumo:** A coletânea, *Descendo a Rua da Bahia* (2017), torna público escritos íntimos de Carlos Drummond de Andrade e Pedro Nava, que se encontram no Arquivo Museu de Literatura Brasileira (AMLB), da Fundação Casa de Rui Barbosa. São 63 documentos, datados de 1926 a 1983, onde os dois autores falam de si, dos amigos, dos projetos de vida, além de fornecerem ao leitor uma descrição da realidade sócio-política do Brasil da época. As cartas, os cartões, os bilhetes e outros documentos testemunham uma amizade que teve início quando Nava, médico recém-formado, escrevia de Belo Horizonte ao Carlos, residente em Itabira do Mato Dentro. Amizade que se fez sólida e que não se dissolveu com o passar dos anos. Para promover uma convivência mais íntima com o material encontrado, a correspondência é contextualizada por notas e enriquecida por fotos. Traz ainda crônicas, discursos e poemas que atestam a afinidade literária que existia entre eles e, sobretudo, a afeição profunda, à prova de qualquer desatino.

**Palavras-chave:** Carlos Drummond de Andrade; Pedro Nava; correspondência; arquivos.

**Abstract:** The collection *Descendo a Rua da Bahia* (2017) unveils the private writings of Carlos Drummond de Andrade and Pedro Nava. These writings can be found at the *Arquivo Museu de Literatura Brasileira* (AMLB) of *Fundação Casa de Rui Barbosa*. There are 63 documents, from 1926 to 1983, in which both writers portray themselves, their friends and life projects. While doing so, they provide a picture of the socio-political reality of the country at that time. The letters, the postcards, the notes and

other documents published attest an old friendship, which started when Nava, a newly graduated doctor from *Belo Horizonte*, was writing to Carlos, who lived in *Itabira do Mato Dentro*. In order to closely approach the material, notes and photographs help to provide a context for the analysis of such correspondence. It also contains narratives, speeches and poems that attest their literary affinity and the deep affection that existed between them, regardless of any madness.

**Keywords:** Carlos Drummond de Andrade; Pedro Nava; correspondence; archives.

## 1 Sobre a edição de *Descendo a Rua da Bahia*

*Ali onde, foi o que dissemos, e nesse lugar. Como pensar esse ali?  
E como pensar este ter lugar ou este tomar o lugar do arkhê?*

Jacques Derrida, *Mal de arquivo*

Editar correspondência significa realizar uma lenta pesquisa em fontes primárias e tomar decisões para a transcrição e apresentação do material. Nesta parte, apresentamos as etapas que nortearam a publicação das cartas de Carlos Drummond de Andrade e Pedro Nava que compõem o livro *Descendo a Rua da Bahia*, editado pela Bazar do Tempo, em 2017.

Os originais das cartas encontram-se no arquivo pessoal de Carlos Drummond de Andrade e no de Pedro Nava, depositados no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira – AMLB, da Fundação Casa de Rui Barbosa. Perfazem um total de 63 documentos, entre manuscritos e datilografados. Há cartas, cartões de visita, cartões-postais e um telegrama que cobrem um período compreendido de 23 de março de 1926 – missiva de Pedro Nava – a 1 de novembro de 1983 – bilhete de Carlos Drummond de Andrade.

No que diz respeito à transcrição das cartas, não houve maiores problemas, pois a grafia dos signatários é de fácil leitura. Neste quesito, o procedimento adotado foi:

- atualizar a grafia dos vocábulos conforme a norma vigente, à exceção do termo “folquelore”;
- respeitar a pontuação;
- manter os trechos sublinhados;
- grafar em itálico os títulos de livros e periódicos e usar aspas nos títulos dos poemas;

- desenvolver e padronizar o endereço de Carlos Drummond de Andrade, pois há oscilação. Ex.: Rua Cons. Lafayette, 60; Rua Conselheiro Lafaiete, 60; Rua Cons. Lafaiete, 60, Gb; Rua Conselheiro Lafayette, 60, Guanabara;
- conservar as abreviaturas, por demonstrar o caráter cursivo da escrita epistolar, e desenvolvê-las em nota de rodapé, à exceção de VCS.

Nem todos os documentos estão datados, e há uma flutuação na forma como a datação se apresenta. Assim, normatizamos a indicação dos locais e datas, na seguinte ordem: cidade, dia, mês e ano. Os locais e datas atestados foram colocados entre colchetes.

Acompanham também a edição notas de rodapé, cujo objetivo é esclarecer ao leitor e contextualizar referências pessoais, espaciais, literárias e históricas. Os nomes citados foram identificados na primeira menção, de modo sucinto. Exemplo de notas:

- 1) Na carta de Belo Horizonte, 23 de março de 1926, Nava escreve a CDA: “Você positivamente não tem nada *que se queixar de Itabira*”. Esta observação do memorialista mereceu o seguinte esclarecimento, que vai aparecer em nota de rodapé:

Drummond residia em Belo Horizonte desde 1920. Em 30 de maio de 1925, casa-se com Dolores Dutra de Moraes e, em 3 de março de 1926, retorna a Itabira, quando escreve a Mário de Andrade: “Estou em Itabira com armas e bagagens”. Entretanto, o poeta não se adaptava à vida na Fazenda do Pontal e reclamava do trabalho como professor de geografia do Ginásio Sul-Americano. Para sua sorte, ainda em 1926, volta para Belo Horizonte, lá permanecendo até 1929, conseguindo por intermédio de Alberto Campos um lugar como redator-chefe do *Diário de Minas*, órgão oficial do Partido Republicano Mineiro. Ele relata o episódio nas crônicas “Um jornal sério que era divertido” e “Coisas de uma redação” (*Jornal do Brasil*, 12 e 15 nov. 1977).

- 2) Em, 6 de setembro de 1947. Carlos Drummond de Andrade escreve:

Tive uma grande alegria com o seu *Território de Epidauro*. Nunca me conformei com o fato de você continuar sem o nome na capa de um livro. Uma geração é vaidosa de si mesmo, e sentir você tão bem-dotado e ao mesmo tempo tão esquivo era o mesmo que sentir fraudado *aquele nosso grupo da década 20*. Você, muito manhosamente, *se refugiava num bissexismo* cômodo, mas essa solução não me satisfazia, nem de resto à comunidade

de seus amigos. Por isso mesmo, este *Território*, tão inteligente, tão rico de perspectivas para o leigo, a quem você desvenda aspectos pitorescos, poéticos e humanos da medicina – é uma espécie de pagamento de dívida. O livro saiu digno de você, cheio de ilustração sem pedantismo, e vazado numa forma literária gostosíssima. Agora você fica intimado a nos dar outros.  
Um abraço fiel do seu velho

Carlos

Para esta carta foram feitas três notas:

*Território de Epidauró*

O livro, sobre a história da medicina, foi a primeira publicação de Pedro Nava, lançada no Rio de Janeiro pela Mendes Júnior em 1947, com fotografias da época e capa de Luís Jardim.

*aquele nosso grupo da década 20*

Referência ao Grupo do Estrela. Ver nota nº 5, carta de 23 de março de 1926, e a crônica de Carlos Drummond de Andrade “Uns rapazes que tinham coisas a dizer” (*Jornal do Brasil*, 29 out. 1977).

*se refugiava num bissextismo*

Na expressão de Manuel Bandeira, “poeta bissexto deve, pois, chamar-se aquele em cuja vida o poema acontece como o dia 29 de fevereiro no ano civil”. No seu bissextismo, o memorialista só publicaria poemas ocasionalmente.

Para a elaboração das notas, foram consultadas fontes bibliográficas tradicionais, os próprios arquivos dos dois missivistas e também dos escritores Abgar Renault e Afonso Arinos, amigos de ambos. Valemos ainda das crônicas publicadas por Drummond no *Correio da Manhã* e no *Jornal do Brasil*, dos livros de memórias de Nava e da biblioteca do memorialista, que se encontra na Universidade de Brasília, e da de Carlos Drummond de Andrade, depositada no Instituto Moreira Salles.

Para facilitar o acesso ao material, as cartas foram numeradas e um índice onomástico foi elaborado. A edição é rica em iconografia e quase todo o material apresentado pertence às coleções do AMLB. As fotos foram digitalizadas a partir, principalmente, dos arquivos de Nava, Drummond e Plínio Doyle.

Podemos trazer como exemplo a iconografia que ilustra a carta de CDA a Nava, de 21 de maio de 1980:

Estamos recebendo *Poliedro*, que eu já conhecia em provas tipográficas. Você é bom em português, em espanhol, em francês, em qualquer língua do mundo. Deus te abençoe, danado!

Esse bilhete veio acompanhado da nota sobre *Poliedro*, transcrita abaixo, e de três fotos, respectivamente: convite para o lançamento de *Poliedro* em Buenos Aires e fotos do lançamento do livro em Buenos Aires.

Nota sobre *Poliedro*

*Poliedro*, organização de Maria Julieta Drummond de Andrade, tradução de Roberto Fernandez Beyro, prefácio de Antonio Candido. Buenos Aires: Centro de Estudios Brasileños, 1980, 136 p. Colección Iracema. Seleção de textos de *Bau de ossos* e *Balão cativo*. A tiragem foi de 500 exemplares, sem caráter comercial. No arquivo de Pedro Nava, há um convite do lançamento do livro, que aconteceria no dia 11 de abril de 1980, às 19h30, no Centro de Estudios Brasileños, com a participação do autor, de María Esther Vásquez, de Roberto Fernández Beyro e de Ricardo Mosquera Eastman. Na ocasião, Bibi Vogel leu fragmentos dos textos publicados. No exemplar que pertenceu a Drummond, e que se encontra em sua biblioteca, no Instituto Moreira Salles, consta a dedicatória: “Aos queridos amigos Dolores e Carlos, esse livro que se deve a Maria Julieta. Pedro Nava. Rio 19.V.80”. No arquivo de Pedro Nava, há nove fotos tiradas em casa de Maria Julieta Drummond, em Buenos Aires, por ocasião do lançamento do livro. Mais informações sobre a publicação podem ser encontradas na crônica que Maria Julieta Drummond de Andrade publicou no *Globo* de 19 abril de 1980.

O consentimento dos herdeiros de Carlos Drummond de Andrade e de Pedro Nava foi de grande valia para a publicação do material que ora trazemos a público.

## 2 Escritos íntimos

Então como decifrar aquelas cartas?  
Como compreender o que anunciam?

Ricardo Piglia, *Respiração artificial*

No privado dos arquivos, documentos, notas e demais papéis escritos aguardam impacientes o momento de se tornarem públicos. Logo, violar a inércia de um arquivo é recuperar e projetar para o

futuro fragmentos de conversas íntimas, rastros de acontecimentos, sonhos imaginados e histórias diversas, que poderão ser lidos por outros leitores em qualquer tempo. Nas palavras de Jacques Derrida, todo arquivo “é ao mesmo tempo instituidor e conservador, revolucionário e tradicional” (DERRIDA, 2001, p. 17). Se é assim, o arquivamento de documentos pessoais registra acontecimentos de uma vida que, ao serem desarquivados, se soltam das amarras do passado, se ligam ao presente, e se anunciam como histórias que não querem ser esquecidas. Lembranças e reminiscências pessoais vindas à tona tornam possível a recriação de uma vida privada, além de proporcionar ao pesquisador um doce exercício de nostalgia.

Pois bem, a coletânea de cartas, bilhetes, fotos, poemas e artigos, que compõem *Descendo a Rua da Bahia* (2017), traz histórias da vida de Carlos Drummond de Andrade e Pedro Nava, dois escritores que definiram a literatura brasileira do século XX e que, nos seus escritos informais, compartilharam confissões, ideias e pensamentos. Sobre essas estratégias distanciadoras, Michel Foucault afirma: “Escrever cartas é mostrar-se, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro” (FOUCAULT, 2006, p. 150). É também uma tática autofavorecedora, pois no espaço subjetivo da folha de papel, o *eu* sente a necessidade de falar de si, submetendo suas lembranças à calculada sensação de distância e de nostalgia com que as evoca. Muitas vezes, basta ler as primeiras linhas para se perceber o dom proveitoso de ter uma vida ao lado de amigos verdadeiros: “É bom contar com a solidariedade afetiva de vocês, nesse negócio de contar tempo” (NAVA; ANDRADE, 2017, p. 167).

Numa correspondência, lugar e data são fatores importantes que têm a vantagem de situar, no tempo e no espaço, acontecimentos que, uma vez acionados no presente, transformam o tempo estático em algo dinâmico, carregado de novos significados. Muitas lembranças, consideradas em retrospectiva, tornam-se agradáveis e divertidas. No artigo “Nava contando e revelando”, publicado no *Jornal do Brasil*, em 11 de janeiro de 1979, Carlos Drummond relembra quando ele e o amigo subiam e desciam a Rua da Bahia, em Belo Horizonte, à procura de namoradas, brincadeiras, “estudos sérios ou vadiantes” (NAVA; ANDRADE, 2017, p.154), desde que se conheceram, no início da década de 1920, quando tinham o hábito de frequentarem a Livraria Alves e se reunirem no Bar do Ponto ou no Café e Confeitaria Estrela. Jovens aguerridos, que chamavam a atenção e ficaram conhecidos como

o “Grupo do Estrela”,<sup>1</sup> uma confraria embalada pelo sonho de participar ativamente da vida cultural e política do país.

Herdeiros da tradição epistolar do século XVIII, ambos acreditavam na eficácia da palavra escrita e, como o gênero epistolar precisa da ausência e da distância para se manter ativo, os dois afiançaram a construção de uma afeição que não esmoreceu com o passar dos anos, nem com a proximidade de endereços. Até quando moravam na mesma cidade, Nava morando na Glória e Drummond, em Copacabana, as mensagens fluíam numa figuração íntima, que consistia em querer o outro próximo de si, no desejo de prolongar a conversa. Parte dos escritos de *Descendo a Rua da Bahia* são bilhetes redigidos no calor da hora, incitando o outro a se pronunciar com igual afabilidade. Exemplo:

Querido Nava: Fiquei contente por não ter faltado ao meu aniversário (mais um!) o abraço afetuoso de você e de Nieta.<sup>2</sup> Nessas ocasiões, o agravo do tempo é compensado pela solidariedade dos amigos. Sou grato a vocês pela palavra cordial e pelo presente (NAVA; ANDRADE, 2017, p. 206).

Nos primeiros anos, a troca de cartas é mais significativa por parte de Pedro Nava, principalmente, quando Drummond se transfere para Itabira e, no Ginásio Sul-Americano, começa a trabalhar como professor de geografia e português. Pela leitura da epístola de 23 de março de 1926, não há dúvidas de que Nava é o tipo de remetente que tem necessidade de trazer o ausente para perto de si, e a carta é a fórmula mágica para vencer a distância e conseguir repensar o que lhe acontecia no momento da escrita. A data atua como dado autobiográfico do *eu*, que se confessa sob o efeito de uma “terrível burrice”, cometida depois do carnaval. Razão pela qual deixou o outro à espera de uma resposta. Num estilo lacunar e sincopado, sem entrar em detalhes, diz que estava sentindo “muitíssima dor de Corno”. Refletia e traduzia o próprio aniquilamento: “a gente fica vazia, sem miolos, sem vontade, uma grandíssima droga” (NAVA; ANDRADE, 2017, p. 19).

---

<sup>1</sup> Além de Nava e Drummond, Abgar Renault, Alberto Campos, Emílio Moura, Francisco Martins de Almeida, Gabriel de Resende Passos, Gustavo Capanema Filho, Hamilton de Paula, Heitor Augusto de Souza, João Alphonsus de Guimaraens, dentre outros, eram denominados de os “Rapazes do Estrela”.

<sup>2</sup> Nieta era o apelido de Antonieta Penido da Silva Nava, esposa do autor de *Baú de ossos*.

No curso das lembranças que emergem, a memória se suplementava das experiências vividas, dos fazeres observados, das reclamações e das falas ouvidas. O desejo do remetente era deixar aquela Belo Horizonte “sórdida”. Ali, com uma livraria, um café e um cinema, os dias eram monótonos. Ele tinha vontade de conversar, de encontrar pessoas e sentia-se condenado a ver as “mesmas caras”. Consolava-se, imaginando que o amigo em Itabira do Mato Dentro era muito mais feliz do que ele, pois tinha a seu favor os atrativos naturais da região, que compensavam a “vida besta” de cidadezinha do interior.

Entretanto, Nava não é o tipo de missivista que se contenta apenas com confidências e confissões dolorosas. Ao contrário, um desejo férreo urgia dentro dele e essa urgência o colocava à frente do seu tempo, prenunciando o amigo leal e o intelectual combativo, capaz de intervir quando se tratava de unir os companheiros em prol de um objetivo comum. Por exemplo, ele incentivou Carlos Drummond a não desistir de *A Revista*, órgão modernista de Minas Gerais que, desde 1925, trazia o melhor da literatura brasileira. No seu terceiro número, apesar de se mostrar inviável financeiramente, a publicação trazia “Poética” (Manuel Bandeira), “Sambinha”, (Mário de Andrade), “Pijama” (Guilherme de Almeida) e “Broadway” (Ronald de Carvalho), por isso Nava insistia para que o amigo escrevesse, “dando coragem” para Martins de Almeida, Emílio Moura e Gregoriano Canedo, os editores e redatores da revista.<sup>3</sup>

Naquele momento, como em outros de interação, Pedro Nava se revelava como um missivista que tinha acesso às atividades de outros companheiros e, sempre que a ocasião exigia, enfrentava com disposição os problemas que surgiam dentro do grupo. Na carta de 23 de março de 1926, há o repasse de uma mensagem de Mário de Andrade, pedindo para divulgar o artigo “Contrabando de passadismo”, escrito para o suplemento de o *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, em 18 de março. O objetivo era evitar desavenças, caso algum mineiro lesse o texto, como avisa: “Fica entendido pois que as ofensas têm direção exata pra certos tipóides daqui, paulistas” (NAVA; ANDRADE, 2017, p. 19).

---

<sup>3</sup> Na opinião de Carlos Drummond de Andrade, *A Revista* contava com a boa vontade e o apoio dos colaboradores e não havia como fazer melhor. O periódico teve apenas três números, que se revestiram de muita importância para a modernização da literatura nacional. Em 1978, José Mindlin reeditou a coleção em fac-símile, com introdução de Pedro Nava.



Desde 1924, após a visita feita às cidades históricas, que o poeta de *Pauliceia desvairada* era amigo e mentor intelectual dos moços mineiros. Mas, para além da mera postura professoral, Mário não escondia a admiração e o apreço por aqueles jovens de tendência modernista que, na sua opinião, eram o que de melhor e mais sério havia no país. Confidenciava: “Não é elogio besta, é verdade: não vejo em parte nenhuma do Brasil um grupo tão bem harmonioso e exato como o de vocês. Vocês são tão naturais, tão equilibrados tão inteligência sensível e sobretudo tão sem diletantismo literário, tão sem extraordinarices”.<sup>4</sup>

De fato, Pedro Nava e Carlos Drummond tinham o potencial para se tornarem grandes escritores e, na vida afetiva, se deixavam enxergar de dentro e cultivavam a amizade como um tesouro acumulado lentamente. Entre eles não havia desentendimentos, embora das primeiras cartas se tenha apenas a espontaneidade e a sobra de assuntos de Nava. Em *Descendo a Rua da Bahia*, é Pedro Nava quem teve o cuidado de historiar o percurso de sua vida de médico do interior a servidor público no Rio de Janeiro. Ele conta que enfrentou uma série de desafios a partir de 1931, quando teve a chance de mudar de domicílio, com acesso a um trabalho remunerado como clínico de Engenheiro Schmidt, em São Paulo. Foi uma decisão involuntária, porém ele estava disposto a permanecer lá por algum tempo. Em Engenheiro, morava Joaquim Nunes Coutinho Cavalcanti, e ele diz para Carlos, na carta de 23 de setembro de 1931, que resolveu seguir o conselho do amigo, “montando no sertão paulista [sua] tenda árabe até poder [se] transferir para o Rio, conforme velho desejo” (NAVA; ANDRADE, 2017, p. 29). Aconteceu que foi logo transferido para Monte Aprazível, e esse novo “exílio” o tornou profundamente deprimido. Entenda-se: numa cidade pequena, onde não podia agir sexualmente de modo mais livre, o jovem médico se sentiu sufocado. Para ele, o gozo do corpo era tão ou mais importante do que o trabalho. Em 6 de janeiro de 1932, fez um balanço de sua existência naquela cidade. Tentava explicar que a atmosfera preconceituosa não era boa para a vida sexual de um homem. Vivia insatisfeito e dolorosamente consciente de que era impossível aceder ao essencial: “Infelizmente eu vou perdendo

---

<sup>4</sup> Trecho da carta de 16 de outubro de 1925 a Drummond, na qual analisa o panorama literário da época. E, como havia esquecido de citar Pedro Nava entre as promessas do Grupo, conclui: “É verdade que inda não vi nenhuma crítica dele sobre literatura porém me parece um dos elementos mais preciosos de Minas” (Cf. ANDRADE, 2002, p. 153).

até o gosto das coisas femininas, metido neste buraco moralizador e banal que é Monte Aprazível. Sem anedotas. Sem bandalheiras” (NAVA; ANDRADE, 2017, p. 41).

A continuidade da correspondência revela a inquietação do remetente com a situação política do país, que dividia mineiros e paulistas, colocando em risco a amizade que os unia. Coligado aos vencedores da Revolução de 1930, Carlos estava em Belo Horizonte, trabalhando como chefe de gabinete de Gustavo Capanema, nomeado Interventor Federal em Minas Gerais. Nava estava no “vago e impreciso” Monte Aprazível, vivendo a delicada situação de *ser mineiro* num reduto de paulistas insatisfeitos, mais exatamente entre os constitucionalistas que, entre julho e outubro de 1932, se armaram para derrubar o governo provisório de Getúlio Vargas e foram derrotados. No dia 4 de novembro daquele ano, correu atrás da solidariedade do destinatário para contar o drama de ter sido acusado e perseguido enquanto durou o levante:

Como foi Vce. durante estes três meses? Eu comi o pão amassado no inferno, pois como mineiro fui logo apontado a dedo, suspeitadíssimo de derrotismo, derrotado como boateiro e sem muita manha e muita malandragem teria ido fazer uma estação de repouso no “Paraíso” ou na “Imigração”. Felizmente passou a tempestade, há mais um pouco de tolerância menos imbecilidade nos homens e eu vou novamente começando a entrar na normal (NAVA; ANDRADE, 2017, p. 47).

O dado mais relevante, todavia, é que no auge da concepção de ideias e caminhos divergentes, que a Revolução de 1930 insuflava, Carlos Drummond, na sua rotina de ativista partidária, não acusou presença em cartas. É a personalidade incomparável de Pedro Nava que perpassa essa correspondência, mesmo quando as turbulências advindas do militarismo político o atingiam. No seu íntimo, ele estava decidido a ficar com os companheiros, situando-se à margem, longe das dicotomias que colocavam em campos opostos amigos de longa data. O que o atraía mais particularmente era buscar os companheiros nas cartas, nas casas familiares, na roda dos bares, fermentar conhecimentos, compartilhar ideias, conversar. No entanto, a tarefa de vencer as rivalidades é difícil e, às vezes, pelo menos momentaneamente, ele se resignava com isso. Na missiva de 4 de novembro de 1932, escreveu a Carlos para dizer que viu “de longe o Mário de Andrade, inevitável com os óculos e aquele ar que

Deus lhe deu, no Triângulo. Não me aproximei dele, porque estava bastante preocupado”. Ele não ignorava que Mário estava passando por um dos piores momentos de sua vida, ao ver a sua cidade sitiada e companheiros na cadeia. Assim, para não aumentar a aflição, que causaria sofrimento a um e constrangimento a outro, preferiu ficar à distância, como um espectador mudo. Entretanto, não se deu por satisfeito e aproveitou a ocasião para divulgar a notícia que frutificaria afetos tão profundamente sedimentados: “O Mário escreveu um troço interessante sobre a ‘literatura bibi’ no *Diário de Notícias*. Era a literatura mavórtica dos dísticos dos bonés dos voluntários. Vce. viu?”<sup>5</sup> (NAVA; ANDRADE, 2017, p. 49).

Naquele pesadelo, sobravam gritos de rancor e a conversa silenciosa ajudava o missivista a desafogar as mágoas, oferecendo amparo às dores que o afligiam. Nos avanços e recuos, antes de chegar ao sonhado Rio de Janeiro, Nava não titubeou em pedir ajuda sempre que as circunstâncias lhe eram adversas, enxergando nas personalidades influentes o meio mais rápido para alcançar a sua transferência. Em 4 de novembro de 1932, ele se apoiou em Drummond para atuar como intermediário no pedido para a efetivação de sua irmã, Ana Jaguaribe Nava, no serviço público. Dessa forma, a travessia profissional de Nava em direção ao Rio de Janeiro dependeu unicamente dos amigos influentes, que ocupavam cargos na esfera federal, até que no dia 7 de abril de 1933, deu a boa notícia de que tinha sido transferido para o Rio de Janeiro. Com ele, veio o irmão, José da Silva Nava, alocado a “título provisório” no Tribunal Eleitoral, enquanto esperava a vaga no Serviço Médico Legal. Esse era o efeito de um prêmio para quem cultivou boas amizades. Por arte, ou artimanhas, de Virgílio e Rodrigo Melo Franco, o Dr. Pedro Nava foi nomeado para o quadro oficial dos médicos do estado.

Partidário incondicional da verdadeira amizade, nada impedia o Dr. Nava de reconhecer qualidades naqueles que não pensavam como ele. Nesse conjunto excepcional que é a correspondência entre ele e Carlos Drummond, saltam da sua escrita íntima palavras e imagens que dão ideia de um espírito observador, bem-humorado, e até zombeteiro, capaz de amar

---

<sup>5</sup> O memorialista se refere ao artigo “Folclore da Constituição (IX): Literatura bibi”, publicado em 11 de setembro de 1932. Nele, o autor cita e comenta os dísticos e quadrinhas populares escritas nos bibis usados pelos soldados. Por exemplo: “Tudo por São Paulo”; “Quem me matar, vá para o inferno”; “Vem mas quero volta”; dentre outras (Cf. ANDRADE, 1976, p. 589-591).

e admirar cada um dos amigos. Drummond é o “Querido Carlos”; Martins de Almeida é o “babaca risonho e cínico deslembado”. Por quê? Esqueceu de enviar-lhe o livro publicado. Joaquim Nunes Coutinho Cavalcanti ficou eternizado como o “nosso mineiro sucessivo e renovado”. No credo que formulava, o poderoso Gustavo Capanema era o “patrimônio das agências telegráficas”. E Mário? Para ele, reservava modos de alegria e saber: seus óculos, a careca, o riso. “Todos argumentando, principalmente a careca” (NAVA; ANDRADE, 2017, p. 29).

Por sua vez, o “velho Carlos” também consagra ao “Nava querido” uma recepção igualmente amistosa, permitindo-se receber, mas acima de tudo doar. De perto ou de longe, Drummond seguia os passos do amigo, achando que ele só receberia da vida tudo o que merecia, quando se tornasse escritor. Não era, porém, uma impressão fortuita: “que beleza de discurso! E dizer que você além de especialista insigne na medicina se recusa a ser escritor público, dominando tão bem a expressão literária” (NAVA; ANDRADE, 2017, p.79).

Sendo assim, Pedro Nava e Carlos Drummond de Andrade interpretam a amizade como um bem maior, e a razão mais profunda para permanecerem unidos está na atitude dos próprios protagonistas. Em 1956, aportado de vez na metrópole carioca, Nava foi nomeado diretor do Hospital dos Servidores do Estado, cargo à altura do sucesso que alcançou na carreira. Para a ocasião, Drummond redigiu a crônica “O homem cordial” para o *Correio da Manhã*, de 24 de março. No relato, ele retrata Nava como um homem excepcional, um ser humano único, capaz de criar “uma unanimidade de afetos” e “a quem era fácil admirar, basta conhecê-lo”. Em seguida, lembra a trajetória do médico de espírito aberto que, sem prever as dificuldades que o aguardavam, se meteu “heroicamente nas brenhas paulistas, atraído pela presença amiga de Coutinho Cavalcanti”. Para exemplificar o caráter daquele que tinha a grandeza encarnada no amor e na solidariedade, transcreve um trecho da carta de 23 de setembro de 1931, na qual Nava reconhecia a amizade como o bem supremo de sua vida, acima dos conflitos políticos: “Eu por mim, afunde-se o país, soçobre Minas – o que quero é que se conservem as minhas afeições ao abrigo destes choques partidários, que não valem a lembrança dos chopos, tomados na antiga harmonia” (NAVA; ANDRADE, 2017, p. 33).

Gestada no prazer, o cronista prossegue e, com toda convicção, afirmava que “uma porção de talentos brinca de mostrar e esconder em

Pedro Nava”. A cada oportunidade, Drummond se consagrava a provar que encontrava nele o escritor genial nos textos que produzia, ou nos discursos que proferia. Assim, ele tinha a obrigação de ocupar o lugar que lhe era reservado: a “ala dos escritores tem com ele uma camaradagem especial. Se não pertence a essa confraria, é porque não quer”. Fazendo valer a sua afirmação, lembrou que Nava já ocupava um lugar na antologia dos poetas bissextos, como autor de o “Defunto” e de “Mestre Aurélio entre rosas”.

Esse movimento em favor do escritor já estava no bilhete de 6 de setembro de 1947, quando ao ler o *Território de Epidauro*, o primeiro dos livros que o médico escreveu sobre a história da medicina, Drummond correu para saldar o amigo, dizendo-se impressionado com a “forma literária gostosíssima” do livro. O destino de Nava demonstrava que o sucesso na carreira caminhava lado a lado com a felicidade na escrita. Por que não dedicar parte de seu tempo à criação? Em resposta a esses questionamentos o “tão bem-dotado” Nava saiu de seu pedestal de médico para ascender ao terreno transformador da literatura. Enfim, o impulso até então ignorado foi removido com a publicação de *Bau de ossos*, em 1972. A partir de então, Nava deu início à ficcionalização de suas memórias, com obras de grande valor literário. Por sua vez, Carlos continuou expondo suas convicções sobre a atividade artística do amigo, apoiando e contribuindo para o desenvolvimento pleno de sua escrita:

Minha prima Pitu, neta do desembargador Drummond, entrou em êxtase quando, pelo telefone, li para ela o trecho de *Chão de ferro*, que descreve os altos habitados da Serra. E quem não se deslumbra com o seu terceiro volume? Estou convencido de que você tem parte com o capeta, para escrever assim com tanta força, beleza, graça, pungência, tudo ao mesmo tempo, e sem dar nunca sinal de fadiga ou relaxamento!

Abraços sempre gratos do seu velho

Carlos (NAVA; ANDRADE, 2017, p. 129)

As cartas trocadas por Pedro Nava e Carlos Drummond de Andrade são simples na feitura, mas provocam sentimentos delicados e pedem para serem lidas e admiradas à maneira de uma descoberta inesperada. Dessa forma, as missivas de *Descendo a Rua da Bahia* convidam a uma dupla leitura: trazem para o centro da cena fragmentos da história de vida de dois amigos inseparáveis e, ao mesmo tempo, proporcionam ao leitor documentos e notas, que o ajudam a ler cartas

pródigas em conhecimentos. No conjunto, são cartas que garantem a utopia jubilosa de um discurso, que celebra a amizade e canta a alegria do encontro e, pela relação estabelecida entre atividade literária e vida social, são o alicerce que permite a construção de novos e infinitos significados.

## Referências

ANDRADE, C. D. de. *Carlos e Mário: correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade (inédita) e Mário de Andrade*. Prefácio e notas de Silviano Santiago. Organização e pesquisa iconográfica de Lélia Coelho Frota. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002.

ANDRADE, M. *Táxi e crônicas no Diário Nacional*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

DERRIDA, J. *Mal de arquivo: uma interpretação freudiana*. Tradução de Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumaré, 2001.

FOUCAULT, M. A escrita de si. In: \_\_\_\_\_. *O que é um autor?* 6. ed. Tradução de Antonio Fernandes Cascais. Lisboa: Vega, 2006. p. 127-160.

NAVA, P.; ANDRADE, C. D. de. *Descendo a Rua da Bahia: correspondência de Pedro Nava e Carlos Drummond de Andrade*. Organização e notas de Eliane Vasconcellos e Matildes Demetrio dos Santos. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2017.

PIGLIA, R. *Respiração artificial*. Tradução de Heloísa Jahn. São Paulo: Iluminuras, 2008..

Recebido em: 23 de maio de 2018.

Aprovado em: 19 de junho de 2018